

De estranho modo o coração palpita
 Se o odio entre irmãos cruel se atia;
 E se alguém o quer soprar a dor irrita...
 O seio maternal de magoa e leia,
 Da cadeira sideral baixa aflita
 O Elly de todos nós que nos pranteia...
 Quem o pode duvidar? Olhae p'ra ella,
 O' virgem coronal, o' virgem bella
 Mensageiros da paz, eis nos na terra
 As palmas da concordia outorgando
 Mas se alguma vil traicão o peito encerra
 Dor que o fero escholar não conspurcanda,
 O Deusa quer de tudo tomar conta,
 Sem mesmo dar a afronta por afronta!
 Por entre o sal da graça, que namora
 O riso popular em tom festivo
 Tomma falsa Minerva se aferrova
 O seio a mostrar feroz, esquivo;
 E lembrando passagens que lá vão
 Dispara o nome vil de vil traicão!
 « Traidores nunca foram (dis Minerva)
 « Os filhos que uma afronta me lavaram
 « Contra os que, e como cousa de conserva
 « e o lico do Parnaso me sugaram!!
 « Traidores!... isto ou é calor no seio!!
 « Ou traça p'ra fazer cahir com riso!!
 « Vede como ella vem todas caricias
 De Elly que o sabe ser, que sabe amar
 Não tem com se dos brutas sevicias
 Nem quer os filhos seus ver auctar,
 Nem vem d'elles soffrer ardis, enganos,
 Restando como está entre os veteranos;
 E se alguém a finto mal, e tudo p'eta
 Como o são os carretas sem carreta
 Dizer que lá em cima se merenda
 Respirados e mais coizas do fumoiro,
 Foi para gracejar, e não se entendia
 Que a casa de Minerva e' no roupeiro..
 Ou que a Deusa talvez de enfastiada
 Devora misturados em sallada,
 Lustrosos verdiaes, a gros pepiros...
 O que por lá se come e' só mesmizo,
 bomo fiseria Saturno o mal fadado.
 Que comer, oh! furor! o seu morgado!
 E' então que a Deusa leva a mal
 Minerva luta em seu dia festival,
 Se os que vem a' discordia armar os laços
 São hoje Pharisens, foram madraços,
 Minerva tambem sabe e bem se vê
 Que entre o filhos seus que choram cá

Óu vellos que nós sabem o a fe, ce,
& gaguejam a custo o b... a... ba!
Para estes entre nós nós ha lugar
Nem se podem cá na terra transformar.
& é simples a razão nós tem mistura.
? (Albinerva eu vou dizel-o em prosa chã)
& porque burro velho nós toma andadura;
Nem nunca de ruins moios bom christas...
& vós mynhas gentis, que a belleza
Podeis entre nós e outros collocar,
Para que, com magnetica prestera
Se possam nós e outros abraçar,
Dizei = nós é um acto de nobreza
Pela honra d'uma dama pelear,
& a um aceno seu obdecer... e,
Batallas, batallas até morrer?...
& a lei que vai cumprir o estudante!
Levando a casta deusa triunfante!
& tu velha voraz e cubicosa
Dirás quaes são os fillos verdadeiros
Quaes queren a função mais magestosa
Dos tempos que lá vão, deas herdeiros?
Oh! se no intimo d'alma tu o téras
Cua ha que duvidar, ou fol ou peras!
Ventas...? ficamos a roiar na frasmaceira,
Cua ha quem se abalance a uma asneira?...
Cua sofre muito a gente generosa...
Cuidar-lhe os caes os dentes amostrando...
& por isso que a festa vai prompta
E a cidade e ao mundo apregoando;
Que a quem este avarezel crear fastio
Pode-se ir a greces, fupa do frin,
Que a virgem coronal, a virgem bella,
Nada sempre viver, morrer donzella.

Nota - Este bando foi recitado no dia de S. Nicolau
em 1870 pela occasião da desarmónia entre os Estudantes,
sendo este bando recitado por Joaquin Peixoto d'Abreu
Vieira, por parte dos estudantes veteranos